

# FILOSOFIA E FORMAÇÃO: UM ENSINO D FILOSOFIA À LUZ DE NIETZSCHE

## Autores

---

Silvia Cristina Fernades Lima

## 1. Introdução

---

O ensino de filosofia tem se constituído numa área de pesquisa bastante frutífera para os filósofos que se dedicam ao tema. A produção de conhecimentos vem se adensando e se cristalizando com bastante consistência neste início de século. Eventos são organizados com o objetivo de discutir as questões que gravitam em torno desse tema; programas de pós-graduação criam linhas de pesquisa, e as editoras se abrem para publicações sobre o ensino de filosofia. A discussão envolvendo este tema, embora incipiente, evidencia um horizonte bastante amplo, em se considerando que estamos ainda aprendendo a fazer pesquisa sobre o tema, definindo os aspectos e os elementos envolvidos na discussão, as teorias, ou conceitos de educação elencados neste debate, além dos filósofos usados como referencial teórico.

Dependendo da forma como se aborde a questão, o ensino de filosofia pode envolver áreas distintas do saber. Pode constituir-se em objeto de pesquisa tanto para aqueles que trabalham com o saber pedagógico como para aqueles que trabalham com a filosofia. Nesse aspecto, acreditamos importante pensar o ensino de filosofia desde um olhar da própria filosofia. Em outras palavras, pensar *filosoficamente o ensino de filosofia* é pensar com o saber filosófico o problema de seu ensino. Sublinhamos, nesse caso, que o ensino de filosofia tenha como *modus operandi* problemas filosóficos, ou seja, problemas que encontrem na historiografia filosófica pensadores clássicos como interlocutores privilegiados para a abordagem filosófica desses problemas. É importante esclarecer que o ensino de filosofia não pode se furta do referencial da história da filosofia, pois é com ela que o professor de filosofia, junto com seus alunos, irão estabelecer um diálogo para que a reflexão em torno do problema proposto seja uma reflexão filosófica. Assim, a história da filosofia é imprescindível porque a filosofia é a sua história e o ensino de filosofia filosófico circunscreve um círculo em torno da história da filosofia na medida em que parte dela e encontra-se com ela mesma ao cabo de sua reflexão, num movimento, perfeitamente nietzschiano, do eterno retorno do mesmo. Se o que caracteriza um problema filosófico, conforme vimos, é sua ressonância na história da filosofia, então, torna-se condição *sine qua non* definirmos com qual filosofia iremos fazer a interpretação do problema proposto. No caso, a nossa proposta consiste em tomar a filosofia de Nietzsche (1844-1900) como instrumento conceitual ou como uma caixa de ferramenta que usaremos para fazer nossa reflexão em torno do problema proposto.

## 2. Objetivos

---

Queremos com este artigo explorar a possibilidade de um ensino de filosofia a partir do referencial teórico cedido pela filosofia de Friedrich Nietzsche, notadamente em *Ecce Homo* e *Assim Falou Zaratustra*. Para tanto, iremos explorar, num primeiro momento o conceito nietzschiano de Filosofia, expresso em *Ecce Homo* e, posteriormente, explorar a possibilidade de um ensino de filosofia para o desafio, a partir de uma leitura de *Assim Falou Zaratustra*.

## 3. Desenvolvimento

---

Na história da filosofia encontramos inúmeras definições de filosofia, cada qual pensada num contexto particular, para fins específicos, por exemplo, a filosofia como contemplação da Idéia perfeita, em Platão; a filosofia como caminho para o conhecimento do divino, na cristã; a definição por Merleau-Ponty da filosofia como re-apreender a ver o mundo; ou, ainda, a definição deleuzo-guattariana da filosofia como a arte de criar ou fabricar conceitos, entre muitas outras possíveis definições. Ora, independente da definição de filosofia, cada qual irá refletir sobre a forma de se trabalhar o ensino de filosofia, ou seja, deverá conter em si o reflexo do autor e do conceito de filosofia que se tenha como cenário. Em última instância, significa deixar às claras os referenciais teóricos imanentes ao ensino de filosofia. Dessa forma, será o ensino de filosofia uma atividade sempre aberta, sempre em construção, com justificativas, conteúdos e objetivos singulares, reflexos da pluralidade de filosofias e da singularidade com a qual se olha para a filosofia. De fato, dada essa premissa, não há uma forma, uma metodologia específica, um conteúdo definido, uma justificativa ou objetivo unívoco no ensino de filosofia. Ao contrário, a filosofia é polissêmica e proporciona uma multipossibilidades de visadas; uma pluralidade de metodologias, justificativas e objetivos; uma infinidade de conteúdos filosóficos que tornam o seu ensino uma obra sempre aberta, dinâmica e em movimento.

Constituindo-se como nosso problema neste artigo uma reflexão sobre o ensino de filosofia, gostaríamos de explorar este tema tendo como cenário o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Assim, demarcaremos, primeiro, o seu conceito de filosofia para, em seguida, refletirmos sobre o ensino de filosofia. Importante esclarecer que Nietzsche não desenvolveu em suas obras uma reflexão sobre o ensino de filosofia. porque este não lhe foi objeto de preocupação conceitual. Trata-se, então, de pensar o ensino de filosofia com Nietzsche, tomando sua filosofia como caixa de ferramentas.

Em seu livro autobiográfico - *Ecce Homo* – Nietzsche traz seu conceito de filosofia como a expressão de seu corpo filosófico. Para ele, a filosofia é a expressão da dureza, da força, do enfrentamento; a filosofia é para aqueles que possuem a força de espírito para a solidão, para o enfrentamento do medo, para aqueles que não se submetem à segurança dos ideais prontos:

- Quem sabe respirar o ar forte de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto, a solidão é descomunal – mas com que tranquilidade está todas as coisas à luz! Com que liberdade se respira! Quanto se sente abaixo de si! – filosofia, tal como até agora entendi e vivi, é a vida voluntária em gelo e altas montanhas – a procura por tudo o que é estrangeiro e problemático na existência, por tudo aquilo que até agora foi exilado pela moral. De uma longa experiência que me foi dada por andanças pelo proibido, aprendi a considerar as causas pelas quais até agora se moralizou e idealizou, de modo muito diferente do que seria desejável: a história escondida dos filósofos, a psicologia de seus grandes nomes, veio à luz para mim. (Nietzsche, 1983, p. 366).

O exercício do pensar a filosofia é uma atividade fisiológica que requer a expressão da força como critério para sua elaboração. A metáfora da natureza é bastante explorada por Nietzsche na tentativa de expressar, de forma concreta, seu conceito de filosofia como expressão da dureza. No *Zaratustra*, Nietzsche afirma:

Tem coragem, irmão meu? Tem valentia? Não coragem diante de testemunhas, mas valentia de solitário e daquele ao qual nem mesmo um deus faz mais do que ser espectador. As almas frias, cegas, bêbadas, não são para mim corajosas. Tem coração aquele que conhece o medo, mas *tem somente controle* sobre o medo; aquele que olha para o abismo, mas com *orgulho*. Que olha para o abismo, mas com olhos de águia – que com garras de águia prende o abismo: isto constitui a coragem. (Nietzsche, 1997, p 273).

A caracterização desse tipo de homem é expressa pelo seguinte esquema designativo: bom=nobre=poderoso=belo=feliz=caro aos deuses. No aforismo, “Na escola bélica da vida”, do *Crepúsculo dos Ídolos*, lemos: “O que não me mata me torna mais forte”. (Nietzsche, 1995, p. 46). No caso, a premissa fundamental da tese nietzschiana é aquele tipo de homem saudável em sua constituição física e espiritual, capaz de fazer do combate, do desafio, da dificuldade, a expressão de sua potencialidade e a realização de sua existência.

A filosofia, para Nietzsche, é a expressão de um tipo de homem que tem em sua própria força, em sua coragem e em seu enfrentamento do medo, a causa motora. A filosofia é para aqueles que olham para o abismo sem medo da altura, porque trazem dentro de si o abismo e para aqueles que têm o olhar de águia: forte, solitário, panorâmico. Em *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche faz uso das imagens da águia e do abismo como ilustrativas do homem forte. A águia é aquela que olha o abismo sem medo, com arrogância, com um olhar desafiador porque trás o abismo dentro de si. A sua existência é a existência do abismo como o lugar de sua vida. Se tomarmos o abismo como metáfora da crise, porque causa medo, porque a queda nele é fatal, e a águia como metáfora do tipo de homem que o ensino de filosofia deve formar, encontramos duas imagens deveras ilustrativas desse ensino de filosofia que estamos nos referindo. Nesse caso, o abismo é potencializador da águia, ou potencializador do tipo humano forte. Assim, Nietzsche clama pelo abismo como modo de superação do niilismo para talhar o homem forte: “eu te chamo, meu pensamento do maior de todos os abismos! Saúde a mim! Você vem – eu te sinto! O meu abismo *fala*, voltou-se à luz a minha última profundidade!”. (NIETZSCHE, s/d, p. 204).

Para Nietzsche, talhar o homem na dureza do espírito significa ir aos abismos da existência, pois é no sucumbir que o homem forte, aquele de caráter. No preâmbulo de *Zaratustra*, Nietzsche ilustra esta idéia quando afirma:

... o que pode ser amado no homem, é que ele é um *passar* e um *sucumbir*.

Amo Aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam.

Amo os do grande desprezo, porque são os do grande respeito, e dardos da aspiração pela outra margem.

Amo Aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne do além-do-homem [...]

Amo Aquele cuja alma é profunda também no ferimento, e que por um pequeno incidente pode ir ao fundo [...]

Amo todos Aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens: eles anunciam que os relâmpagos vêm, e vão ao fundo como anunciadores. (NIETZSCHE, 1983, pp. 227/228).

Assim, o conceito nietzschiano de filosofia, nos permite adentrar numa concepção antropológica que prima pela constituição saudável do sujeito. Este sujeito, talhado na mais dura das experiências, nas vicissitudes da existência, nos abismos do mundo, forma-o como um sujeito forte, autárquico, pronto para constituir seu próprio ser a parti de si mesmo. É esse tipo de homem que emerge como critério para o ensino de filosofia para o desafio: um sujeito capaz de enfrentar, com virtudes, os desafios da existência, e não fugir ou se esconder nos meandros das instituições sociais.

#### 4. Resultados

---

Considerando que no processo de ensino estamos habituados a uma fragmentação ou compartimentalização do saber advindos, principalmente, do contexto vivido positivista. Este artigo espera contribuir para o ensino de filosofia que envolva distintas áreas do saber. Trata-se de pensar com o saber filosófico o problema do ensino partindo de uma reflexão da filosofia e com a filosofia. Além de, a partir dessa forma, convidar o sujeito para o desafio, para testar a si mesmo ao olhar para o abismo e não ter medo. Exatamente porque acreditamos e afirmamos um ensino de filosofia para o desafio, sempre aberto e em construção que proporcione múltiplos olhares, enfim, que proporcione um pensar filosoficamente o ensino de filosofia.

## 5. Considerações Finais

---

A idéia do desafio é particularmente significativa para pensarmos um ensino de filosofia filosófico. Quanto à idéia de desafio, refiro-me a uma passagem de Nietzsche: “É preciso testar a si mesmo, dar-se provas de ser destinado à independência e ao mando; é preciso fazê-lo no tempo justo. Não se deve fugir às provas, embora sejam porventura o jogo mais perigoso que se pode jogar...” (NIETZSCHE, 1992, p. 46). Pensamos, nesse cenário, num ensino de filosofia para o desafio, ou que no desafio tenha que colocar o sujeito na beira do abismo, de colocar o sujeito nos mais alto e gelado dos cumes, de colocar o sujeito no “olho do furacão” das vicissitudes da existência sua atividade pedagógica. Nesse sentido, não acreditamos numa filosofia ou num ensino de filosofia para a resolução de problemas existenciais ao modo de uma clínica de aconselhamento, como também não acreditamos num ensino de filosofia para se discutir o sentido da vida ou construir, a partir da filosofia, um sentido para a vida. Se as pessoas estão em crise e o niilismo toma conta da cultura, não se deve fazer da sala de aula um grande divã para reencontrar o eixo da vida. Ao contrário, a Filosofia e o ensino de filosofia não devem amortecer a crise, mas elevá-la, perpetuá-la, desafiar o sujeito a vivê-la; não deve construir um sentido para a vida, mas descentrá-lo, perdê-lo no caos. Ao modo da águia que não se amedronta diante do abismo porque faz parte de seu próprio espírito, o ensino de filosofia deve desafiar o sujeito a estar no abismo porque é nesta situação que o sujeito incorpora-o em seu espírito.

## Referências Bibliográficas

---

**Filosofia e seu ensino.** Cadernos CEDES. Campinas, v. 64, 2004.

DIAS, Rosa M. **Nietzsche educador.** São Paulo: Editora Scipione, 1993.

GALLO, Sílvio, et al. (orgs.) **Filosofia do ensino de filosofia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003a.

GALLO, Sílvio, et al (orgs). **Ensino de filosofia: teoria e prática.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação.** Tradução. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo,** São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Ediouro, s/d.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre Educação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.

REMÉDIOS, Maria dos. **Zaratustra educador diante do experimento para tornar-se o que se é**. Piracicaba: PPGE Unimep, 2005. (Tese de doutorado).